

Residentes involuntários

Márcia Neri

A corrida contra o tempo e o entra-e-sai de pacientes nos corredores, ambulatórios e clínicas médicas dos hospitais do DF escondem histórias de pessoas que não estão somente de passagem nesses locais. São pacientes que ficam. Gente que, por motivo de tratamento ou abandono da família, já está nos hospitais há muitos meses, e em alguns casos, até anos.

Com a tristeza estampada nos olhos, voz fraca e fala trêmula, João Batista da Silva, 28 anos, está internado no Hospital Regional de Taguatinga (HRT) há seis meses. Isolado em um dos quartos da clínica médica, ele não se levanta mais da cama. "Não espero muito da vida, do jeito que vir está bom, mas sinto falta de andar e ver o mundo lá fora", diz.

Em maio de 2006, ele chegou a Brasília depois de deixar a pequena cidade de Santa Rosa, em Goiás. O rapaz do interior era alcoólatra e veio para a capital à procura de tratamento. Para sobreviver, começou a trabalhar fazendo bicos na feira de Vila Dimas, em Taguatinga. No local, se envolveu em uma briga e levou uma surra que o deixou de cama, com dificuldades para respirar. "Minha mãe veio de Santa Rosa para cuidar de mim. Foi ela que me trouxe para o hospital, pois viu que eu não conseguia respirar", conta ele.

■ Rotina

Desde o final de agosto de 2006, quando João foi internado com suspeita de pneumonia, a vida de D. Silvina dos Santos, mãe dele, se restringe ao pequeno quarto do hospital. "Não tenho com quem dividir essa tarefa. Passei a viver por conta dele. Moro no hospital e aqui no quarto lavo até minhas roupas, pois não temos dinheiro nem parentes na cidade. Mas o mais triste é não saber se ele vai voltar a andar e ficar bom", conta a senhora de 61 anos.

Segundo ela, os médicos e enfermeiras são atenciosos com o filho, mas a vida dentro do hospital não é fácil. "É muito triste, mas graças a Deus ainda existe gente boa nesse mundo. Sempre morei na roça e não tenho renda. Só consigo sobreviver com a ajuda de parentes de outros doentes que passam por aqui".

Os médicos da HRT constataram que João já entrou no

hospital com uma vértebra lesionada em decorrência da surra, além de tuberculose pulmonar. O quadro evoluiu para tuberculose óssea, doença também conhecida como Mal de Pott. As possibilidades do jovem voltar a andar são mínimas.

■ Esperança

No mesmo corredor do HRT, outro paciente está internado há mais de sete meses. A vida não tem sido fácil para Antônio Guedes, um aposentado que já vivia em cadeira de rodas. Há dez anos, foi separar uma briga e acabou levando um tiro que o deixou paraplégico. "Quando cheguei aqui estava com crise renal. Não pude ser operado porque cheguei também com úlcera na perna decorrente da falta de circulação sanguínea", conta Guedes.

Os dias do aposentado passam devagar, pois a esposa só pode visitá-lo nos fins de semana, e a filha, de 14 anos, não pode ficar com ele por ser menor. Mesmo assim a atitude de Antônio impressiona médicos e enfermeiras do hospital. "Sinto muita solidão, não posso negar", diz ele. "Ficar de cama é muito triste, mas a tristeza não vai me tirar daqui e sei que ainda existem casos muito piores do que o meu. Vivo em uma cadeira de rodas, mas não tenho uma doença incurável".

A ferida na perna obrigou os médicos a isolá-lo para não infectar os outros pacientes. Antônio espanta a solidão conversando com os passarinhos que vêm no pátio interno do HRT. "Só quem passa por isso sabe o que esse vazio dói", conta. "No começo foi muito difícil, mas hoje não deixo mais sentimentos ruins me pegarem não". Quando o médico permite, ele pega sua cadeira e vai a uma sala do hospital que disponibiliza computadores e internet aos pacientes. "É lá que fico sabendo o que acontece fora daqui e me divirto com as fofocas que colcam na rede", confessa.

Para ele, a vida só tem sentido quando se consegue passar experiência para outras pessoas. "Ser capaz de ensinar com a minha história é o mais importante. Vencer na vida pra mim é isso", conclui, sorrindo. Antônio faz planos para quando sair do hospital. "No dia que for para casa quero construir minha 'www'", planeja, referindo-se a uma página na internet, na qual vai contar a sua trajetória.



MINERVINO JUNIOR E RENATO ARAÚJO/CEDOC/10.08.06

■ "P", DE 63 ANOS, ESTÁ HÁ QUASE UM ANO NO HOSPITAL DE BASE. DESMEMORIADO, NÃO TEM COMO RECORRER A FAMILIARES QUE O ACOLHAM

Sem lenço, sem documento

O caso de um paciente internado no Hospital de Apoio de Brasília (HAB) tem mobilizado profissionais e voluntários da unidade. O abandono é um dos personagens principais na história de "Paulo", de 63 anos, que nunca foi procurado por parentes ou conhecidos. "Ele foi encontrado na rua com ferimentos graves na cabeça. Não sabemos se foi atropelado ou se foi espancado. Nunca ninguém procurou por

ele, e nós nunca encontramos alguém capaz de dar pistas sobre o seu passado. Já vassourhamos em muitos lugares, mas não conseguimos nada, nem mesmo em cartórios daqui ou de fora da cidade", relata Helenice Barbosa, assistente social do HAB.

Depois de dois meses de tratamento no Hospital de Base, "Paulo" foi encaminhado ao Hospital de Apoio para reabilitação. Ficou com sequelas

causadas pela hemorragia cerebral – perda de alguns movimentos do corpo e da memória –, por isso não pode contribuir na busca de algum parente que o acolha.

O senhor grisalho de olhar perdido já recebeu alta. Apesar das limitações, está bem de saúde, mas, como não tem documentos, ainda não pode ser encaminhado para um abrigo. "Apesar de trabalhar há alguns anos no hospital, é

impossível estar diante de um caso desses e não se envolver, se sensibilizar", diz a assistente social Maria Aparecida Gonçalves. Ela lamenta que, a qualquer hora, terá de encaminhar "P" a um abrigo.

SERVIÇO

Hospital de Apoio de Brasília (HAB) – 3343-3386 ou 3341-2701
Hospital Regional de Taguatinga (HRT) – 3351-2200

Readaptação pode ser difícil

De acordo com o médico Cid Luiz, diretor do HAB, na Ala de reabilitação do hospital há disponibilidade para 30 leitos. Atualmente, nove pacientes estão há mais de quatro meses internados. "Procuramos reabilitá-los para que dependam menos dos parentes quando voltarem para casa", relata. "É o nosso papel aqui no HAB, já que recebemos casos de lesões irreversíveis".

Muitas vezes, as pessoas mais próximas fecham as portas para a condição daqueles que ainda irão precisar de ajuda para sobreviver. "Apesar de não se negar a me receber, não

paciente que, internado desde 2001, atualmente atingiu um quadro clínico estável – mas a família se nega a recebê-lo. "Tudo que a medicina permitia foi feito por ele", conta o médico, que alerta: "Sua permanência aqui já pode, inclusive, lhe trazer riscos à saúde".

Nilton Santos Ferreira, 39 anos, está prestes a receber alta. Vítima de disparo de arma de fogo, ficou paraplégico. Internado no HAB há cinco meses, conseguiu passar dois fins de semana na casa da irmã, vendedora ambulante. "Apesar de

quero atrapalhar a vida da minha irmã, que mora em uma casa pequena e sem estrutura para um deficiente", lembra.

As ruas não são receptivas a sua nova condição de cadeirante. "Aqui no hospital, tomo banho, vou ao banheiro e passo da cama para a cadeira de rodas sem ajuda das enfermeiras", conta ele. O problema é se locomover fora das dependências do HAB, onde não existem rampas de acesso e pegar ônibus é quase impossível sem a boa vontade dos outros.

Mais um problema: Nilton não tem condições de comprar

uma cadeira de rodas. Sem ela, estará condenado a passar o resto da vida deitado em uma cama. O ex-segurança de eventos conta que tem dois filhos em São Luís (MA). "Hoje não posso mais ajudá-los, mas penso em voltar para minha terra natal para conviver com eles e estar mais próximo da minha mãe".

Apesar de todos os problemas e limitações, ele procura ser alegre. "A minha vida continua. Eu não morri. Se isso tivesse acontecido, outra pessoa estaria contando a minha história. Hoje, ainda sou dono dela e posso contar tudo", conclui.